



ARTIGOS - ARTICLES

**Para inglês ver: a presença britânica no hemisfério sul
a partir de relatos de Charles Darwin (1831-1836)**

Bruno Alves Valverde

Doutorando em Política científica e tecnológica
na UNICAMP

Bruno.valverde@ifmg.edu.br

Cristina de Campos

Professora Colaboradora, Departamento de
Política científica e tecnológica, UNICAMP

crcampos@unicamp.br

Resumo: A correspondência de Charles Darwin com John Henslow ao longo da viagem do Beagle (1831-1836), parcialmente publicada antes de seu retorno à Inglaterra, possibilitou o acesso do jovem naturalista ao centro da comunidade científica britânica. Ademais, a análise dessas cartas revela aspectos da atuação do Beagle em assuntos de interesse da Grã-Bretanha, nos campos científico, econômico, político e religioso. Defendemos nesse artigo que o Beagle compunha uma rede de atores humanos e não-humanos, fomentada pela diplomacia britânica e mobilizada pelas embarcações, que faziam circular informações entre Londres, as colônias britânicas e os países da América do Sul. Assim, conclui-se que o Beagle era um agente do imperialismo que colaborava nas pretensões britânicas de consolidar seu domínio sobre o hemisfério sul.

Palavras-chave: Charles Darwin; História Natural; Beagle; Teoria Ator-Rede; Imperialismo.

*For English see: the British presence in the southern hemisphere
based on reports by Charles Darwin (1831-1836)*

Abstract: Charles Darwin's correspondence with John Henslow along the Beagle voyage (1831-1836), partially published before his return to England, provided the young naturalist with access to the heart of the British scientific community. Furthermore, the analysis of these letters reveals aspects of the Beagle's performance in matters of interest to Great Britain, in the scientific, economic, political and religious fields. We defend in this article that the Beagle formed a network of human and non-human actors, fostered by British diplomacy and mobilized by vessels, which circulated information between London, the British colonies and the countries of South America. It follows that the

Beagle was an agent of imperialism that collaborated in British pretensions to consolidate its dominion over the southern hemisphere.

Keywords: Charles Darwin; Natural history; Beagle; Actor-Network Theory; Imperialism.

Introdução

A obra de Charles Darwin (1809-1882) tem sido objeto de acaloradas discussões sesquicentenárias. Em “A Origem das Espécies”¹, publicado em 1859, Darwin defendeu sua teoria da Evolução, embasada em uma ampla coleção de provas empíricas, bem como propôs a Seleção Natural como mecanismo pelo qual se daria a Evolução. Na proposta de Darwin as espécies se modificavam a partir de ancestrais comuns, num processo movido exclusivamente por fatores materiais, o que rompia com concepções de que a natureza teria sido criada (em um único ato e perfeito) e que permaneceria estática, dado que seria perfeita. Tais propostas iam de encontro a uma sociedade aristocrata e religiosa como a da Grã-Bretanha no século XIX, onde o poder político estava associado à noção de estabilidade dos grupos sociais. Ainda hoje a obra de Darwin é objeto de debate em diversas áreas, como na educação, que envolve seu questionamento por movimentos anticiência e criacionistas em países como os Estados Unidos e Brasil².

“A Origem das Espécies”, porém, tem a sua própria origem, pois parte considerável de seus argumentos foi desenvolvida a partir das coletas e observações que Darwin fez durante a viagem ao redor do mundo a bordo do HMS³ Beagle, entre os anos de 1831 e 1836. A referida viagem teve como objetivo principal mapear os portos da América do Sul a fim de facilitar o acesso da marinha mercante britânica. Todavia a

¹ DARWIN, Charles Robert. *A origem das espécies*. Tradução de Joaquim Dá Mesquita Paul. Porto: Lello & Irmão Editores, 1961.

² Stephen Jay Gould relacionou o recrudescimento das críticas à Evolução por parte dos criacionistas, no final do século XX, não a questões científicas, mas políticas. Para o autor, a ascensão da direita evangélica nos EUA naquele momento criou as condições para que argumentos já anteriormente refutados fossem novamente discutidos. Na mesma toada de Gould, Maurício Vieira Martins analisou o bestseller de Michael Behe, publicado nos EUA em 1996 e no Brasil já em 1997: *A Caixa Preta de Darwin*. Martins identificou a relação dos principais argumentos críticos às teorias de Darwin com aspectos não científicos, mas religiosos. Passados 40 anos do texto de Gould, a pandemia da COVID-19, parece deixar claro, tanto lá, quando cá, a fragilidade do discurso científico frente ao religioso. GOULD, Stephen Jay. *Evolution as Fact and Theory*, May 1981. In: *Hen's Teeth and Horse's Toes*, New York: W. W. Norton & Company, 1994, pp. 253-262). MARTINS, Maurício Vieira. *De Darwin, de caixas-pretas e do surpreendente retorno do criacionismo*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 8, n. 3, p. 739-756, dez. 2001.

³ HMS corresponde à sigla em inglês Her/His Majesty's Ship, ou navio de sua majestade, expressão utilizada para designar as embarcações da marinha britânica.

análise dos relatos produzidos por Darwin ao longo dessa viagem e registrados, principalmente, em sua correspondência possibilita compreender a atuação de viagens como a do Beagle em assuntos políticos, religiosos, econômicos e científicos⁴. Tal atuação se relaciona às colônias britânicas, mas perpassa também os países sul-americanos, que naquele contexto passavam por processos de emancipação política.

Para fins desse artigo, selecionamos como fonte principal a correspondência ativa e passiva de Darwin durante a viagem com seu principal correspondente científico: o reverendo e professor da Universidade de Cambridge: John Henslow (1796-1861). A aproximação entre eles se deu após Darwin abandonar o curso de medicina na Universidade de Edimburgo em 1826 e rumar para Cambridge a fim de bacharelar-se em Artes, como pré-requisito para uma estável, segura e prestigiada carreira como clérigo da Igreja Anglicana. Durante os anos em Cambridge, Henslow se tornou tutor e amigo de Darwin e o orientou em estudos nas áreas de Geologia e Botânica. Ao concluir seu bacharelado, mas antes de ser ordenado clérigo, Darwin foi indicado por Henslow ao capitão Robert FitzRoy (1805-1865) para realização de um trabalho de campo como naturalista da viagem que o Beagle faria ao hemisfério sul.

O trabalho de campo proveniente de expedições científicas, como nos lembra Anderson Antunes em seu estudo sobre Louis Agassiz, fornecia [...] aos viajantes uma oportunidade de formalizarem sua entrada nos círculos científicos, de se ‘graduarem’ e, assim, ascenderem socialmente, tornando-se respeitáveis homens de ciência⁵. O ingresso nos círculos científicos e a “graduação” se concretizaram para Darwin a partir de sua correspondência com Henslow. Ao longo da viagem, Henslow escreveu a seu discípulo para incentivá-lo e orientá-lo em seus trabalhos e foi responsável por publicar parte das cartas de Darwin ainda durante a viagem. A publicação foi bem recebida pelos homens de ciência londrinos e fez que, ao retornar, Darwin fosse considerado um naturalista promissor e contatasse cientistas celebrados como Charles Lyell⁶.

⁴ DARWIN, Charles Robert. *Journal of researches into the natural history and geology of the countries visited during the Voyage of H.M.S. Beagle round the world, under the Command of Capt. Fitz Roy*, R.N. 2d edition. London: John Murray, 1845. DARWIN, Francis. (Org.) *The life and letters of Charles Darwin*, including an autobiographical chapter. Londres: John Murray, 1887. 3v.

⁵ ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis: uma análise dos auxiliares na expedição de Louis Agassiz ao Brasil (1865-1866)*. 2015. x,155 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2015.

⁶ DESMOND, Adrian; MOORE, James. *Darwin: a vida de um evolucionista atormentado*. São Paulo, Geação Editorial. 1995.

Nesse artigo, porém, focamos em outro aspecto do intercâmbio epistolar com Henslow: a percepção de Darwin acerca da organização social e da presença britânica no hemisfério sul. Para tal, selecionamos inicialmente as vinte cartas trocadas entre eles ao longo da viagem, disponíveis no sítio eletrônico do Darwin Correspondence Project, sediado na Universidade de Cambridge, e as analisamos a partir da metodologia de Análise de Conteúdo⁷. A esta primeira seleção, adicionamos mais quatro cartas com outros dois correspondentes que auxiliam no desenvolvimento da argumentação, a saber: Edward Lumb, um comerciante inglês radicado em Buenos Aires, e Caroline Darwin, irmão de Charles.

O artigo é composto por outras três partes além desta introdutória. Em *Os olhos do Império* localizamos a viagem do Beagle em sua época, marcado por iniciativas imperia- listas dos países europeus. Em *Circulação dos Saberes* analisamos a documentação e procuramos caracterizar a atuação do Beagle. Encerramos com as considerações conclusivas.

Os Olhos do Império

Em seu estudo sobre a expansão ibérica nos séculos XV e XVI, John Law⁸ aborda o problema enfrentado pelos portugueses naquela época, a saber: como um pequeno número de pessoas em Lisboa poderia influenciar eventos em meio mundo, exercer controle a longa distância e colher bons frutos com isso. A intenção de Law é compreender como se dava esse controle, para tal ele destaca os artefatos tecnológicos, ao lado das questões sociais, como parte integrante dos sistemas que tornaram isso possível.

Law deixa claro, portanto, que a análise empreendida é construída a partir da abordagem da Teoria Ator-Rede, da qual é um dos principais formuladores. A Teoria Ator-Rede propõe uma epistemologia que busca ultrapassar a dicotomia moderna entre natureza e cultura, sujeito e objeto e que posiciona o Homem, a priori, como protagonista da ação. Assim, a definição dos atores é feita de forma relacional, a partir do papel que desempenham na situação em estudo, o que abre espaço para que artefatos sejam

⁷ BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977. SALDAÑA, Johnny. *The Coding Manual for Qualitative Researchers*. 2. ed. Los Angeles: SAGE, 2013.

⁸ LAW, John. On the methods of long-distance control: vessels, navigation and the Portuguese route to India. *The Sociological Review*, v. 32, p. 234–263, 1 maio 1984. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-954X.1984.tb00114.x>. Acesso em 22 jun. 2020.

considerados como participantes da ação e tratados nos mesmos termos que os atores humanos⁹.

O foco da análise de Law está nas embarcações portuguesas, entendidas como cruciais para a manutenção do controle a longa distância, que Portugal manteve rota comercial até à Índia. As embarcações são compreendidas como envelopes, compostos por atores de diferentes tipos (documentos, dispositivos e pessoas treinadas) que devidamente organizados adquiririam as seguintes características: mobilidade, durabilidade, capacidade de exercer força e de articular os atores ao seu redor para que agissem em conformidade com seus objetivos e, finalmente, a capacidade de retornar. Uma vez enviados, esses envelopes, seriam capazes de estabelecer uma comunicação sem ruídos entre o centro e a periferia, influenciar sem serem influenciados e, assim, permitiriam o controle a longa distância.

Ora, aprendemos com Laura de Melo e Souza que a comunicação no império português possuía na verdade muitos ruídos, graças a “[...] situações e personagens que obedeciam a normas e determinações emanadas do centro do poder, mas que as recriavam na prática cotidiana, tornando às vezes o ponto de chegada tão distinto do ponto de partida que, não raro, ocultava-se ou mesmo se perdia a ideia e o sentido originais¹⁰”. Desta forma, rejeitamos parcialmente a leitura de Law, mas consideramos que ela propicie elementos interessantes para nossa análise ao tratar as embarcações como representantes do poder imperial.

O controle português sobre o comércio com o Oriente cedeu espaço para o britânico a partir da segunda metade do século XVIII. Gabriel Passetti¹¹ destaca que a expansão naval britânica se deu com a conquista de pontos estratégicos ao redor do mundo e permitiu, posteriormente, a ocupação de parte desses territórios. Passetti salienta ainda a perspectiva iluminista presente na atuação da coroa britânica que levou ao financiamento de expedições de amplo escopo com vistas a: “(...) produção de material, associando a ciência à política e à economia. Os navios enviados (...) estiveram em todas as costas conhecidas – e chegaram a muitas até então desconhecidas. Utilizaram os mais

⁹ LAW, John. *Notes on the theory of the actor-network: Ordering, strategy, and heterogeneity*. Systems practice, v. 5, n. 4, p. 379-393, 1992. LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

¹⁰ SOUZA, Laura de Melo e. *O sol e a sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII*. São Paulo: Cia das Letras, 2006

¹¹ PASSETTI, Gabriel. O Brasil no relato de viagens do comandante Robert FitzRoy do HMS Beagle, 1828-1839. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 21, n. 3, p. 911-930, set. 2014.

modernos equipamentos disponíveis, recrutaram destacados cientistas, treinaram jovens promissores e montaram uma base de dados incomparável ao que havia¹²”.

No mesmo sentido, Mary Louise Pratt¹³, assim como Adrian Desmond e James Moore¹⁴, destaca que nesta época não partiam navios da Europa sem que houvesse ali um espaço reservado à História Natural, marcada pela presença de pelo menos um naturalista na tripulação.

Pratt destaca que a grande empreitada naquele momento era classificar o mundo natural, uma ambição enciclopedista permeada pela noção adâmica que associa o nomear a apropriação da natureza pelo Homem. O mundo natural ao ser sistematizado pelo Homem passava a atender a seus objetivos científicos, militares, econômicos, políticos e religiosos. Assim, as expedições se tornaram um assunto de Estado, uma expressão do imperialismo europeu e estadunidense que se voltavam, sobretudo, às novas porções territoriais abertas às expedições na América e na Oceania¹⁵.

No que tange a atuação da Grã-Bretanha, Passeti salienta a importância da marinha ao afirmar que: “onde estavam seus navios, estavam seus interesses¹⁶”. Assim, os olhos imperiais britânicos não percorriam apenas o império formal (as colônias sob domínio direto da Coroa), mas também o império informal, constituído pelas nações abertas aos relacionamentos com os britânicos, destacadamente na América do Sul. A viagem do Beagle, 1831-1836, é exemplar neste sentido, como apresentamos a partir da análise da documentação a seguir.

Circulação de Saberes

O Beagle percorreu a América do Sul em duas viagens. Primeiro entre 1826 e 1830, quando FitzRoy assumiu o comando após o suicídio do então capitão Pringle Stokes em 1828. Depois voltou entre 1831 e 1836, quando contornou de Fernando de

¹² PASSETI, 2014, op. cit. p. 912

¹³ PRATT, Mary Louise. Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação. São Paulo: EDUSC, 1999.

¹⁴ DESMOND, Adrian; MOORE, James, 1995, op. cit.

¹⁵ Os estados latino-americanos constituídos ao longo do século XIX estabeleceram acordos internacionais que favoreceram a realização de expedições científicas em seus territórios, com vistas a identificar itens da natureza com potencial de exploração econômica e a afirmar suas posições entre o grupo de nações civilizadas. No mesmo século, a marcha para o oeste nos EUA e a colonização da Oceania também permitiriam a interiorização desse tipo de expedição. Em todos esses movimentos, o avanço da “civilização” se deu sob o extermínio de populações nativas. PODGORNÝ, Irina. *Fossil dealers, the practices of comparative anatomy and British diplomacy in Latin America, 1820-1840. The British Journal for the History of Science*, 46, p. 647-674, ago. 2012. DUARTE, Regina Horta. Between the National and the Universal: Natural History Networks in Latin America in the Nineteenth and Twentieth Centuries. *Isis*, v. 104, n. 4, p. 777-787, 2013.

¹⁶ PASSETI, 2014, op. cit., p. 917

Noronha às Galápagos e passou também por colônias inglesas, como: Austrália, Nova Zelândia e África do Sul. Da Cidade do Cabo partiu para retornar à Inglaterra, após mais uma passagem pelo Brasil, desta vez em Recife. O Beagle compunha a frota da Marinha Real Britânica e nessa viagem teve como objetivo principal mapear o litoral sul-americano a fim de garantir melhores acessos aos navios mercantes e militares ingleses e ainda identificar potencialidades econômicas e aprofundar relações comerciais e diplomáticas¹⁷.

A missão principal do Beagle é um importante ator nessa análise, pois se por um lado permitiu a Darwin viajar por tantos destinos, por outro lhe impôs limitações, como lemos em trecho da primeira carta enviada a Henslow, no primeiro semestre de 1832, do Rio de Janeiro: “Agora estou morando em Botafogo, uma vila a alguns quilômetros da cidade, e poderei permanecer um mês mais. O Beagle voltou para a Bahia e vai me buscar quando retornar. Existe um importantíssimo erro na longitude da América do Sul, esta segunda viagem foi realizada para resolver isso¹⁸.

Na ocasião Darwin estava no Rio de Janeiro. O retorno do Beagle à Bahia foi uma das muitas vezes em que a viagem se prolongou a fim de atender a missão principal, o que forçou Darwin a adequar sua rotina de trabalho ao Beagle. Quando o navio atracava, ele realizava expedições pelo interior do continente, nas quais coletava espécimes animais, vegetais e minerais, anotava suas observações e se informava sobre diversos aspectos da natureza local com os moradores. Quando embarcado, Darwin dedicava-se à leitura de livros, às cartas, à organização de sua coleta e à revisão de suas anotações.

O trecho acima é de uma carta composta de duas partes, uma escrita no dia 18 de maio e outra em 16 de junho. Esta situação, em que uma carta pronta não é enviada de imediato, se repetiu ao longo da viagem por dois motivos principais: por Darwin estar embarcado ou em alguma expedição pelo interior e não ser possível enviar ou por considerar que a carta não compensasse o custo do transporte. Em outras cartas se percebe o contrário: a antecipação do envio, a fim de se aproveitar um pacote¹⁹ prestes a zarpar.

¹⁷ PRATT, 1999, op.cit. PASSETI, 2014, op. cit.

¹⁸ Em tradução livre: I AM now living at Botafogo, a village about a league from the city, & shall be able to remain a month longer. The Beagle has gone back to Bahia, & Will pick me upon its return. There is a most important error in the longitude of S America, to settle which this second trip has been undertaken (Darwin Correspondence Project, letter nº 171). Esta e todas as demais citações da correspondência foram obtidas no sítio eletrônico do DARWIN CORRESPONDENCE PROJECT: <<http://www.darwinproject.ac.uk>>. Acesso em 14 mai. de 2020.

¹⁹ Paquetes eram navios com rotas regulares entre portos, em geral destinados exclusivamente ao serviço postal.

Tem-se então que tanto a disponibilidade, quanto o custo do serviço interferiram na remessa e, conseqüentemente, na relação entre Darwin e Henslow.

Apesar das contingências impostas pelos serviços de transporte e correios, é notável que ao longo de toda a viagem Darwin tenha contado com uma infraestrutura capaz de fazer circular informações e espécimes com relativa segurança. Darwin valeu-se do serviço postal britânico²⁰, que a partir de 1821 passou a dispor de pacotes com motores a vapor. A introdução da navegação a vapor é significativa, pois reduziu o tempo de viagem de forma considerável. Contudo, somente a partir de 1850 foram estabelecidas linhas regulares de pacotes a vapor entre o Brasil e a Europa, com um tempo de travessia de 28 dias, no período imediatamente anterior os pacotes a velam levavam entre 100 e 60 dias para cumprir o mesmo percurso²¹.

Sendo assim, durante a viagem do Beagle é possível considerarmos que o tempo mínimo de transporte das correspondências fosse de sessenta dias, contudo esta estimativa seria para os navios do tipo pacote. Navios destinados a outros serviços poderiam também atuar como correios, o que facilitava o acesso ao serviço, mas não significava necessariamente uma redução no tempo de viagem. Acresce-se ao prazo de transporte porto a porto o tempo de deslocamento em terra e outros possíveis embarços alfandegários e naufrágios.

A comunicação durante a viagem contou ainda com a colaboração de diversas pessoas para a recepção e despacho de cartas e pacotes, tanto na Inglaterra quanto nas cidades portuárias do hemisfério Sul. Como vemos na carta de Darwin escrita a Henslow, desde Buenos Aires, em setembro de 1833: “Um amigo espanhol em Entre Rios prometeu me enviar uma carga de ossos; se eles chegarem aqui, o Sr. Lumb gentilmente se ofereceu para enviá-los a você, deixo essa carta como uma orientação para ele, e ele adicionará o nome do Navio, data, porto e tudo o que for necessário²²”.

²⁰ O Royal Mail completou 500 anos de fundação em 2016. Até o século XVII, prestava serviços apenas à Coroa, quando então foi aberto ao público em geral.

²¹ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: _____. (Org.) *História da vida privada no Brasil* (v.2). São Paulo: Companhia das Letras, 1997. EL-KAREH, A. C. O Rio de Janeiro e as primeiras linhas transatlânticas de paqueta a vapor: 1850-1860. *História Econômica & História de Empresas*, v. 6, n. 2, 2003.

²² Em tradução livre: A Spanish friend in Entre Rios has promised to send me a cargo of Bones; if they do arrive here: Mr Lumb has kindly offered to forward them to you — I leave this as a direction to him, & he will add the name of Ship, date, port &c or whatever is necessary (Darwin Correspondence Project, letter nº 216).

Acima, Edward Lumb, um mercador inglês que vivia em Buenos Aires, é citado como colaborador de Darwin, na recepção de encomendas do interior e no envio para Henslow, que havia assumido a tarefa de receber e tratar os espécimes coletados durante a viagem. A carta acima, escrita em setembro de 1833, foi enviada a Henslow somente em maio de 1834, anexada a outra escrita por Lumb, juntamente, com o carregamento de fósseis²³.

Em carta a Darwin, de novembro de 1833, Lumb forneceu indícios da existência de uma rede de colaboradores britânicos na região²⁴:

Como você teve o prazer de se expressar de maneira tão gentil pelos meus maus serviços prestados durante a sua estadia aqui, posso garantir que, independentemente do seu valor pessoal, que considero intrínseco, não considero que tenha feito mais do que qualquer inglês deve fazer pela promoção de qualquer fim científico que possa tender ao engrandecimento de seu país. Ficarei verdadeiramente feliz se em qualquer período futuro puder, por qualquer meio ao meu alcance, servi-lo ou promover seus pontos de vista de maneira científica. Rogo que me escreva quando chegar ao Chile e também à Inglaterra, em algum período futuro talvez eu consiga alguns espécimes interessantes para você²⁵.

Os ‘maus serviços prestados’ por Lumb envolveram, além do auxílio com o carregamento de ossos, a hospedagem de Darwin em sua casa, a instrução acerca das leis locais e do trânsito de embarcações, e, ainda, a indicação de outros ingleses que poderiam auxiliá-lo em suas expedições terrestres. São essas colaborações que Lumb

²³ Darwin Correspondence Project, Letter no. 244.

²⁴ Passeti também destaca a existência de redes de colaborações entre os britânicos de que envolviam a circulação de pessoas, produtos e ideias. Cujas articulações era protagonizada pelos comandantes navais da Marinha Real (2014, op. cit. p. 915).

²⁵ Em tradução livre: As you have been pleased to express yourself in so kind a manner for my poor services towards you during your staying here allow me to assure you that independently of your private worth which I consider intrinsic I do not consider I have done more than what any Englishman should do for the promotion of any scientific end which may tend to the aggrandisement of his Country & I shall be truly happy at any future period I can by any means in my power serve you or promote your views in a scientific way— pray write me when you arrive in Chili & also in England at some future period I may perhaps procure for you some specimen that may be interesting (Darwin Correspondence Project, letter n° 231).

consideraram como cumprimento de seu dever para o engrandecimento de seu país. Darwin, um hábil construtor de redes, indicou, em 1852, Lumb a outro naturalista que viajaria pela região²⁶.

De fato, a colaboração entre residentes (naturais ou estrangeiros) e naturalistas viajantes era algo usual como destaca Irina Podgorny²⁷. Podgorny estudou a atuação de naturalistas residentes, como o sacerdote uruguaio Dámaso A. Larrañaga, que na década de 1820 hospedou Auguste Saint-Hilaire e, por indicação deste, o também naturalista Friedrich Sellow, em uma missão financiada pela coroa portuguesa. A partir destas relações, foi possível aos naturalistas residentes tomarem parte de uma cadeia de informações global e produzirem conhecimento desde o Sul, como também ocorreu com Fritz Müller desde Santa Catarina²⁸.

A constituição e ampliação dessas relações entre naturalistas foi fomentada pela atuação dos diplomatas na região. Podgorny nos lembra que atrelado ao reconhecimento da independência dos estados sul-americanos, ocorreram a assinatura de tratados de amizade, comércio e navegação. O tratado entre Argentina e Grã-Bretanha foi selado em 1825, pelo representante britânico em Buenos Aires: Woodbine Parish. A atuação de Parish nos cinco anos que se seguiram foi dedicada à diplomacia, mas também à: “[...] coletar dados sobre sua história, história natural e potencial econômico. Diferentes agentes atenderam aos pedidos de Parish. Dos cantos mais remotos da região, observações e documentos geográficos retirados dos arquivos coloniais viajavam de Buenos Aires a Londres, juntamente com animais preservados em álcool, plantas e fósseis.”²⁹

Havia (e ainda há) uma disputa por conhecer, descrever, nomear os itens da natureza sul-americana. Assim no caminho percorrido pelo Beagle é possível encontrar, em nossos dias, diversas localidades batizadas com nomes como: FitzRoy, Beagle e Darwin. Sendo o capitão FitzRoy responsável por algumas destas escolhas³⁰. Para além desta ambição de ‘denominar’ para ‘dominar’, havia interesses econômicos como a busca de itens da natureza que pudessem servir como alimento e às indústrias.

²⁶ Darwin Correspondence Project, carta nº 1487.

²⁷ PODGORNY, 2013, op. cit. Fossil dealers, the practices of comparative anatomy and British diplomacy in Latin America, 1820-1840. *The British Journal for the History of Science*, 46, p. 647-674, ago. 2012.

²⁸ TOMIO, D. Circulando sentidos pela escrita nas aulas de ciências: com interlocuções entre Fritz Müller, Charles Darwin e um coletivo de estudantes. Santa Catarina, 332 p., 2012. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Catarina.

²⁹ PODGORNY, 2013, op. cit., p. 647.

³⁰ BROWNE, J. Charles Darwin: viajando. São Paulo: UNESP, 2011

Até aqui, vimos o Beagle a mapear a costa sul-americana e as incursões de Darwin no continente. Como agente do imperialismo, o Beagle cumpria ainda uma missão civilizatória, que desempenhou de duas formas pela cruz e pela espada.

Na viagem anterior do Beagle, um dos barcos auxiliares foi roubado na Terra do Fogo. Na busca pela embarcação e, também como retaliação, FitzRoy capturou quatro nativos fueguinos. Eles foram batizados pelo capitão como: York Mister, Jemmy Button, Boat Memory e uma garota, a quem chamou de Fuegia Basket. Levados para a Inglaterra³¹ foram cristianizados e, em 1831, embarcaram no Beagle a fim de serem enviados como missionários. O caráter missionário da viagem foi um dos fatores que facilitaram seu financiamento pela Coroa³². Darwin compartilhava de uma visão contemporânea que associava as missões religiosas a um processo civilizatório, o que termos práticos significava constituição de portos mais seguros e receptivos para os navegantes e comerciantes britânicos³³.

A correspondência com Henslow, contudo, aponta para um enaltecimento da ação missionária e civilizatória britânica frente à ibérica. Tal contraste fica evidente ao se comparar os comentários feitos sobre a América do Sul aos feitos sobre a Oceania.

A respeito da América do Sul são conhecidas as críticas a escravidão no Brasil, que ele considerou como um escândalo para as nações cristãs³⁴ e a falta de infraestrutura urbana em Montevideú e Buenos Aires. As menções a América do Sul.

Quanto as então colônias britânicas, Darwin escreveu a Henslow, em janeiro de 1836: “[...] agora chegamos à Austrália: o novo Continente é realmente um lugar maravilhoso. Roma Antiga poderia se gabar de tal colônia, ela merece se classificar entre as 100 maravilhas do mundo e exibe a força gigante da nação mãe³⁵”.

A pujança econômica da Austrália, que evidenciaria a força da maternidade britânica, encantou Darwin e o fez cogitar durante muitos anos emigrar para lá. É, contudo,

³¹ Boat Memory morreu de varíola pouco após chegar à Inglaterra.

³² PASSETI, 2014, op. cit.

³³ DESMOND, Adrian; MOORE, James, 1995, op. cit.

³⁴ Darwin Correspondence Project, carta n° 171.

³⁵ Em tradução livre: (...) we are now arrived at Australia: the new Continent really is a wonderful place. Ancient Rome might have boasted of such a Colony; it deserves to rank high amongst the 100 Wonders of the world, as showing the Giant force of the parent country (Darwin Correspondence Project, letter n° 295).

no trecho seguinte da mesma carta, que fica mais clara a associação entre ação missionária, civilização e a empresa colonizadora:

Além do mais, é admirável ver o que os missionários aqui e na Nova Zelândia fizeram. Acredito firmemente que são bons homens que trabalham por uma boa causa. Tenho muitas suspeitas de que aqueles que abusaram ou zombaram dos missionários geralmente não estavam muito ansiosos para encontrar os nativos seres morais e inteligentes. - Durante o resto de nossa viagem, só visitaremos lugares geralmente reconhecidos como civilizados e quase todos sob a bandeira britânica³⁶.

Quanto à ação civilizatória pela espada, é notável na América do Sul, por onde o Beagle ficou até outubro de 1835. Darwin presenciou os conflitos políticos e sociais de Brasil, Uruguai, Argentina, Chile e Peru que se constituíam como estados autônomos naquele momento. Tais conflitos em muito interessavam a Grã-Bretanha, pois representava a ruína do domínio ibérico e, como visto acima sobre a ação dos diplomatas, à oportunidade de atraí-los para sua área de influência (PASSETTI, 2014). Em muitos momentos, o Beagle não foi apenas testemunha desses conflitos, mas colocou suas armas a serviço dos interesses britânicos e/ou dos governantes locais.

A expedição chegou ao Brasil no início Período Regencial (1831-1840) após a abdicação de Dom Pedro I. Nos anos que se seguiram o Império teve sua incipiente unidade política abalada com revoltas como: Farroupilha, Cabanagem, Balaiada e Sabinada³⁷. Os conflitos na região platina³⁸ também foram presenciados pela expedição, a ponto de impedirem o desembarque de Darwin, em carta do segundo semestre de 1832 escreveu a Henslow: “Estamos aqui (em Montevidéu) há algum tempo; mas, devido ao

³⁶ Em tradução livre: It is more over admirable to be hold what the Missionaries both here & at New Zealand have effected.— I firmly believe they are good men working for the sake of a good cause. I much suspect that those Who have abused or sneered at the Missionaries, have generally been such, as were not very anxious to find the Natives moral & intelligent beings.— During the remainder of our voyage, we shall only visit places generally acknowledged as civilized & nearly all under the British Flag (Darwin Correspondence Project, letter nº 295).

³⁷ Marcelo Basile destaca que para além das grandes revoltas citadas, há muitas outras semelhantes que se disseminaram pelo império BASILE, M. *Revoltas regenciais na Corte: o movimento de 17 de abril de 1832*. Anos 90, v. 11, n. 19, p. 259–298, 1 dez. 2004.

³⁸ Gabriel Pasetti (2014) nos lembra que Fitzroy participara das negociações diplomáticas entre Brasil e Argentina levaram ao fim da Guerra da Cisplatina (1825-1828).

mau tempo e aos contínuos combates em terra, quase nunca fomos capazes de andar no país, não coletei nada no mês passado³⁹”.

Em 1832, um agente do governo do governo uruguaio solicitou apoio ao capitão FitzRoy para conter um levante em Montevideú. Na ocasião havia uma disputa de poder entre grupos a favoráveis e contrários ao presidente Fructuoso Rivera. FitzRoy atendeu ao pedido e armou 50 homens que ajudaram a proteger a cidade por uma noite (ALMEIDA, 2011⁴⁰).

No segundo semestre de 1833, do interior da Argentina, Darwin contou em carta a sua irmã Caroline como se valeu da infraestrutura de uma guerra conduzida pelo General Juan Manuel Rosas:

É uma longa jornada entre 500 e 600 milhas, através de um distrito, até muito recentemente nunca penetrado, exceto pelos índios e nunca por um inglês. Agora existe uma sangrenta guerra de extermínio contra os índios. O exército cristão está acampado no rio Colorado [...]. O general Rosas deixa a cada 10 ou 15 léguas, 5 soldados e uma tropa de cavalos. Quando eu estava no Colorado o general me deu uma autorização para (tomar emprestado) esses cavalos. [...]. Os cavalos etc. foram todos gratuitos. Minha única despesa (cerca de 20 libras) foi contratar um companheiro de confiança⁴¹.

Rosas, antigo governador de Buenos Aires, foi responsável por conduzir o exército ‘cristão’ em uma das muitas campanhas de tomada de terras indígenas para a expansão agropecuária e que resultou no extermínio de 3.500 indígenas⁴². Darwin que havia se espantado com a escravidão no Brasil, acima cita a cruzada do exército de Rosas

³⁹Em tradução livre: We have been here (Monte Video) for some time; but owing to bad weather & continual fighting on shore have scarcely ever been able to walk in the country. — I have collected during the last month nothing (Darwin Correspondence Project, letter n° 178).

⁴⁰ ALMEIDA, Joselyn. *Reimagining the Transatlantic, 1780–1890*. Farnham: Ashgate, 2011.

⁴¹ Em tradução livre: It is a long journey between 500 & 600 miles, through a district, till very lately never penetrated except by the Indians & never by na Englishman — There is now a bloody war of extermination against the Indians. The Christian army is encamped on the R. Colorado. (...) General Rosas left at every 10 or 15 leagues, 5 soldiers& a troop of horses — When I was at the Colorado the General gave me anorder for these horses —(...) The horses & c were all gratis. My only expence (about 20£) was hiring a trusty companion (Darwin Correspondence Project, letter n° 215).

⁴² Darwin Correspondence Project, carta n° 245.

contra os indígenas apenas para contextualizar sua irmã de como a guerra lhe foi útil em suas expedições.

Darwin também testemunhou a disputa sobre o controle das ilhas Malvinas (ou Falklands) ⁴³em 1833: “Em nossa chegada às Falklands, todos ficaram muito surpresos ao ver a bandeira inglesa içada. Esta nossa nova ilha, apesar de ser um lugar desolado, deve ser de grande importância para o transporte⁴⁴”. Nesse trecho percebemos, assim como nas referências a Austrália, que o naturalista não deixou de considerar o potencial econômico e estratégico daquilo que observava.

As Malvinas serviam de base para a pesca de focas, baleias e leões marinhos: “(...) vitais para a economia do início do século XIX, pois o óleo produzido a partir de suas gorduras corporais tinha alta demanda, sendo utilizado tanto para a iluminação pública quanto para a construção civil e para a lubrificação das máquinas da Revolução Industrial (PASSETI, 2014, p. 918)”. A relação da pesca desses animais com a economia industrial levou muitos britânicos a ser fixarem nas ilhas. O arquipélago, alvo de disputas desde o século XVI, foi declarado pela Argentina como parte de seu território em 1820, a Grã-Bretanha fez o mesmo em janeiro de 1833⁴⁵.

A importância para o transporte percebida por Darwin recai por serem as Malvinas um porto seguro constituindo-se como um porto seguro para a comunicação com o oceano Pacífico e como rota marítima para o oeste dos Estados Unidos, sobretudo após a descoberta de ouro na Califórnia em meados do século XIX.

Em 1834, o Beagle voltou às Malvinas. Darwin escreveu a Henslow em março daquele ano, sem saber quando:

[...] essa carta vai embora [...], pois, esse pequeno palco de discórdia foi envolvido recentemente por uma cena terrível de assassinato e atualmente há mais prisioneiros do que habitantes. Se um navio mercante for fretado para levá-los ao

⁴³ Para mais sobre os conflitos que envolveram a Argentina ao longo de sua história ver Cisneros e Escudé, 2000.

⁴⁴ Em tradução livre: On our arrival at the Falklands everyone was much surprised to find the English flag hoisted. This our new island, is but a desolate looking spot yet must eventually be of great importance to shipping (Darwin Correspondence Project, letter nº 204).

⁴⁵ CISNEROS, Andrés; ESCUDÉ, Carlos. *História general de las relaciones exteriores de la República Argentina*. Argentina, 2000. Disponível em <<http://www.argentina-rree.com/historia.htm>>. Acesso em: 07 mai. 2021.

Rio⁴⁶, vou enviar algumas amostras (especialmente minhas poucas plantas e sementes)⁴⁷.

No ‘palco de discórdia’ havia entrado em cena o argentino Antônio Rivero, que liderou uma revolta contra os ingleses pelo controle da ilha. Novamente a tripulação tomou parte e sob o comando de FitzRoy conteve o levante e prendeu Rivero. Em Iquique⁴⁸, no Peru, Darwin testemunhou parte dos conflitos que o país vivia, havia disputa entre facções armadas e o presidente recém-empossado Andrés de Santa Cruz perseguia os dissidentes, era crescente o ódio e o ataque aos estrangeiros, sobretudo aos ingleses⁴⁹.

Como vimos até aqui, o Beagle entendido com uma rede composta por uma variedade de atores (militares, armas, cartas, instrumentos de medição e navegação, cientistas, missionários, pintores, médicos, mapas e etc.) foi capaz de desempenhar suas missões: a principal - mapear o litoral da América do Sul, mas também observar e coletar espécimes, cristianizar e tomar parte de conflitos em Montevideu e nas Malvinas.

Conclusão

Nesse artigo procuramos compreender a atuação do Beagle como agente do imperialismo britânico, referenciados pelo estudo de John Law acerca das embarcações portuguesas. Assim, nos foi possível perceber o Beagle não como um caso isolado, mas como exemplar de todo um sistema que compunha, e por meio de sua atuação identificamos a ocorrência de algumas das características destacadas por Law, notadamente: mobilidade, durabilidade, a capacidade de retornar e a capacidade de exercer força e articular os atores ao seu redor.

⁴⁶ No Rio de Janeiro estava sediada o comando da marinha britânica no Atlântico Sul (PASSETI, 2014).

⁴⁷ Em tradução livre: When this letter will go, I do not know, as this little seat of discord has lately been embroiled by a dreadful scene of murder & at present there are more prisoners, than inhabitants.—9 If a merchant vessel is chartered to take them to Rio I will send some specimens (especially my few plants & seeds). (Darwin Correspondence Project, letter n° 238).

⁴⁸ Atualmente, a região de Iquique pertence ao território do Chile.

⁴⁹ DESMOND, MOORE; 1995, op. cit.

Vimos que o Beagle se moveu pelos portos do Sul e interligou cidadãos e interesses britânicos, e assim fez circular saberes entre esses locais e Londres. Sua mobilidade e durabilidade se evidenciaram no conjunto de funções que ele desempenhou com sucesso ao longo da expedição: fez observações e coletas científicas, cristianizou, participou de combates, transportou cargas e etc.

Por todo esse caminho, Darwin e seus companheiros de viagem puderam receber e enviar suas cartas e encomendas, no que contaram com outras embarcações que por ali circularam, o que aponta para a capacidade de retorno, não somente dos navios, mas das informações saídas do Sul. Ainda que com algum atraso, Darwin pode receber ao longo da viagem orientações e livros enviados por Henslow que o ajudaram a lidar com aquilo que observava. Henslow publicou na Inglaterra parte das observações recebidas de seu amigo, o que possibilitou a Darwin ao término da viagem o contato com Charles Lyell, membro da elite científica britânica, que se tornou correspondente de Darwin até a sua morte.

A última característica que identificamos e que talvez seja a mais relevante é a capacidade de exercer força e articular os atores ao seu redor. Law (1984) destaca que as embarcações portuguesas demonstravam poder diante de seus inimigos, mas também conseguia promover um comportamento adequado aos seus objetivos dos elementos humanos e não-humanos do sistema. O autor cita como exemplo dessa capacidade as melhorias promovidas no aparelhamento dos navios que “[...] tornaram possível usar os ventos de maneiras que não eram possíveis anteriormente, transformando aqueles que poderiam ter sido perigosos, ou simplesmente adversos, em forças que contribuíram para os projetos dos portugueses, conduzindo as suas embarcações para os seus destinos⁵⁰.

Evidentemente, era de se esperar que o Beagle, seus oficiais e seus tripulantes a serviço da marinha britânica agissem de acordo com os interesses de sua majestade, como ocorreu nos conflitos em Montevideu e nas Malvinas. Contudo, ao atentarmos para a correspondência de Darwin percebemos que ele, um tripulante civil, preocupado em coletar informações e espécimes para si, e também o comerciante Lumb, incorporaram aqueles interesses da Coroa e agiram para que eles fossem concretizados.

⁵⁰ LAW, 1984, op. cit. p. 5.

De forma mais destacada, os relatos de Darwin produzidos com base nesta expedição tiveram ampla circulação e não se limitaram a temas científicos, ele tratou também de economia, religião, política, escravidão e outros temas que ajudavam a construir uma perspectiva dessa parte do mundo entre seus conterrâneos.

Desta forma, concluímos que o Beagle atuou como um agente do imperialismo, que pôs em movimento diversos atores e os direcionou a fim de colaborarem com as pretensões britânicas no hemisfério Sul.

Considerações finais

Charles Darwin trocou milhares de cartas ao longo de sua vida e o *Darwin Correspondence Project* conseguiu recuperar parte deste total, o que significa aproximadamente 15 mil cartas. Entre os correspondentes do naturalista estão familiares, cientistas, políticos, militares e diversos práticos, como marinheiros e fazendeiros. Assim sendo, a coleção de cartas tem sido utilizada para a realização de diversos estudos, mas ainda há diversos temas e tramas pouco estudados⁵¹. Disto decorre a emergência de algumas questões de como abordar esta coleção: Quais perguntas ainda estão para serem elaboradas? Como tratar milhares de cartas em um estudo único, é possível? Quais abordagens podem lançar novas luzes ao acervo? A bibliografia tem apresentado respostas variadas a estas questões. Aqui, buscamos analisar as cartas a partir de seu conteúdo, mas também para além do texto, como componentes da relação Darwin/Henslow.

Os aspectos que identificamos a partir da análise documental certamente não abarcam a totalidade da atuação das cartas nesta relação e nem era este o objetivo aqui. Acreditamos, porém, que a construção teórica e metodológica utilizada seja replicável e permita que novos olhares sejam lançados para o acervo epistolar de Darwin.

Nesse artigo procuramos tratar de um período chave na formação de Darwin como cientista com vistas a destacar, algo que é caro na História da Ciência, os contextos e interesses que envolvem a ciência. As cartas enviadas a Henslow durante viagem do Beagle foram publicadas, parcialmente, antes mesmo do retorno de Darwin, atraíram para ele a atenção com cientistas londrinos com os quais passou a se comunicar após

⁵¹ VEAK, Tyler. *Exploring Darwin's Correspondence: Some Important but Lesser Known Correspondents and Projects* (2003). Faculty Publications and Presentations. Disponível em: https://digitalcommons.liberty.edu/lib_fac_pubs/12. Acesso em 09 abr. 2019.

1836⁵². Os espécimes e informações coletados na viagem subsidiaram, em diferentes níveis, todos os trabalhos posteriores de Darwin. Fica claro, portanto, a importância capital do Beagle para Darwin e para a ciência, mas não podemos perder de vista que esses aspectos constituíam uma empreitada imperialista.

⁵² MONTGOMERY, William. Editing the Darwin Correspondence: A Quantitative Perspective. *The British Journal for the History of Science*, v. 20, n.1, jan. 1987, pp. 13-28, Londres. Disponível em <<https://www.cambridge.org/core/journals/british-journal-for-the-history-of-science/article/editing-the-darwin-correspondence-a-quantitative-perspective/7C20AE4F3545676B73114B41F4B8991D#fndtn-information>>. Acesso em 10 abr. 2019.